

# ★ VOZ do POVO

Unidos,

venceremos

CONTRA O FASCISMO — PELA DEMOCRACIA

(Se a sua revolução ou libertação da Colômbia tem de consistir na FERRUGEM TOTAL)

FASCISMO é o regime em que o povo é obrigado a dar-se a si próprio tudo, em troca dum certificado militar.

O regime em que o povo, liberto de impostos, compra, não apenas das substâncias, mas também dos bens físicos, é uma DEMOCRACIA

A ignorância dos  
brancos é  
a maior força  
dos tiranos

\*\*\*

## LIBERDADE — IGUAL A

### DIREITO DE VIVER

Porque essa civilização — que tem custado o suor e o sangue de todos os homens sem distinção de raça ou de cor — é patrimônio comum de toda a Humanidade.

III

Armas e munições absolutamente inúteis, e que em pouco tempo serão um montão de ferro enferrujado e antiquado, sem utilidade nem eficiência.

Mas, depois daquele, outro armamento continuo chegando, este agora de proveniência americana.

Quando um e outro foram adquiridos terminara já a guerra, guerra em que os potências fascistas se recusaram a entrar, embora desfilassem as suas Colónias — pedindo a Deus a Patria — ficassem sido invidiadas.

Sendo assim, pergunto-se: — para que servirá todo este armamento, para que o quer a burguesia depois que há 20 anos que a revolução está a ser sangrenta de chacais e águilas.

Uma só resposta é possível: — não havendo frente externa, tal armamento só se pode destinar à frente interna.

A nenhum democrata português resta a menor dúvida que será para afogar em ondas de sangue a menor tentação de luta pela liberdade que o sinistro agente do Vaticano, assim arma as suas hordas.

Pois bem! Sabemo-lo nos e sabemos os as potências estrangeiras.

E não deixa de ser lamentável que os povos ingleses e americanos, que se dizem democratas e letem lutado pela liberdade e pelo direito dos povos, errem e munição o algoz das liberdades e direitos do povo português.

(Continua na página 4)

## E o livro Nêgro?

O livro *Brasil* norte-americano — cujos documentos confirmam a cumplicidade de Franco com os barões do Elito — é a continuação do livro *Até* referente à idêntica culpabilidade da Argentina.

Um livro *Nêgro* sobre a identidade de Salazar e a sua identificação com os grandes criminosos do nazi-fascismo internacional, será o complemento da efidivativa série.

\*\*\*\*\*

Ad majorem

Dei gloriam...

Cristino Garcia

Manuel Rodriguez

★ Mais duas vítimas — dois símbolos da resistência tenaz e heroica do anti-fascismo espanhol.

Cristino Garcia, que em 1936 era um simples marfiteiro, lutou pela liberdade da sua patria contra mouros, alemães e italianos.

Teve que bombardear em França, cuja acedehora hospitalizada pagou cavalheirescamente — lutando, sob a ocupação alemã, como um dos seus mais esforçados resistentes.

Com mais vinte magias assalou a prisão de Nîmes e libertou os patriotas anti-fascistas que ali se encontravam.

Tinha 31 anos quando se casou com uma francesa, companheira de luta e de ideal.

A França estava livre. Mas a sua queda

(Continua na página 4)

## PARA QUÊ?

Discursando no Norte, em fins do ano passado, o ministro da guerra do governo fascista de Salazar, revelou que cifras enormes haviam sido gastadas na compra de armamento inglês.

Cifras incomportáveis para o nosso país orçamental e que não até teriam sido na abertura de hospitais — num país sem assistência médica — ou de escolas — num país que falta o orçamento da percentagem de anal-fabrics — ou na obtenção de trabalho para o desemprego que se debate numa das habituais e periódicas crises de desajustamento a ditagem.

Em 1941, Franco escreveu cordealmente a Hitler: «O nosso destino é comum; desertar desse destino seria o meu suicídio e o da causa que defendo e represento em Espanha».

E Salazar, com o retrato de Mussolini afectuosamente colocado na sua secretária, assinou com este facinora o famoso «Pacto de amizade»... — Hitler e Mussolini já lá vão... — Salazar e Franco — gémeos pela perversidade — continuam a acrescentar aos 5 milhões de cadáveres feitos pelo nazi-fascismo, o contrapeso macabro dos seus últimos crimes. — Não será já a hora da libertação?

Quando obter permissão no respectivo o quadro, faz concordância no período em que há a ser exigida a ordem consideração jurídica

«Manifesto Comunista» - R. Marx-F. Engels

NÓS, AS MULHERES...

O MANIFESTO COMUNISTA é uma obra escrita por um filósofo ao qual havia sido pedida mais que um tratado e sim, um tratado contra a miséria. — R. I. LASKI presidente do Partido Trabalhista Inglês.

(Continuação do número anterior) — V —

Ainda mais à medida que se desenvolvem os maquinismos e a divisão do trabalho, a massa de trabalho aumenta igualmente, seja através do aumento das horas de trabalho, seja pela exigência de mais trabalho num determinado tempo, seja pelo aceleramento da marcha das máquinas, etc.

A indústria moderna transformou a pequena oficina do mestre-artesão patriarcal na grande fábrica de milhares de operários. Massas de operários amontoadas nas fábricas são organizadas militarmente. Simples soldados da indústria, esses operários são colocados sob a vigilância de uma completa hierarquia de sub-oficiais e de oficiais. Não são simplesmente os escravos da classe burguesa, do Estado burguês, mas também são e a toda a hora, são escravizados pela máquina, pelo contamestre, e, principalmente, pelo próprio fabricante burguês. Esse despotismo é tanto mais mesquinho, odioso, exasperante, quanto mais abertamente proclama o lucro como sua única finalidade.

Quanto menos habilidade e força física o trabalho manual exige, isto é, quanto mais a indústria moderna se desenvolve, mais o trabalho dos homens é substituído pelo trabalho das mulheres e das crianças. As diferenças de sexo e de idade não têm mais importância social para a classe operária. Há apenas instrumentos de trabalho que, segundo a idade e o sexo, ocasionam diferentes despesas.

E quando a exploração do operário pelo fabricante está bastante adequada para que ele reciba seu salário ou lucro, os outros membros da burguesia, o proprietário, o comerciante, o agiota, etc., caem sobre ele.

As antigas pequenas classes médias, os pequenos industriais, os pequenos comerciantes e os pequenos produtores, os artesãos e os camponeses, todas essas classes são vítimas do proletariado, seja porque seu pequeno capital não basta para a exploração da grande indústria e acumba na concorrência com os capitalistas mais importantes, seja porque sua habilidade se acha depreciada por novos modos de produção.

(Continua no próximo número)

\* — A Federação Internacional das Mulheres de Adrentes, representando 81 milhões de adrentes, enviou a Dolores Ibaruri (Pasionária) uma saudação para todas as mulheres que sob o regime de Franco sofrem, por uma Espanha livre e democrática, as perseguições do falangismo sangüinário.

\* — Randolph Churchill, filho do ex-primeiro ministro britânico, concluiu uma das suas reportagens sobre Espanha afirmando que à excepção do Egito, é na Península que se encontra o mais baixo nível de miséria do mundo.

\* — Numa entrevista publicada no «PRAYERS», Staline, referindo-se ao discurso de Churchill, afirmou: Churchill está sendo um perigoso semeador de discordia entre os aliados. Apresentando as nações de fala inglesa como um possível bloco rápido potencialmente amargoso, o sr. Churchill recorda de certo modo o megalomanico racismo de Hitler.

Não se derramou sangue durante 5 anos para se substituir Hitler por Churchill. As suas referências caluniosas à Rússia são grosseiras e faltas de tacto. A difamação lançada sobre as relações da U. R. S. com a Polónia é baixa e absurda; a época das discordâncias entre a Polónia e a Rússia passou.

Churchill considera a Inglaterra uma verdadeira democracia, não obstante o seu governo estar formado por um ex-partido — neste momento o Trabalhista — enquanto nega a qualidade de democráticos aqueles governos que, como o iugoslavo, o romeno, etc. tem representados vários partidos.

Recordando a expedição dos países capitalistas contra a Rússia, após a 1.ª guerra mundial, Staline disse ao Trabalhista — enquanto nega a qualidade de democráticos aqueles governos que, como o iugoslavo, o romeno, etc. tem representados vários partidos. Recordando a expedição dos países capitalistas contra a Rússia, após a 1.ª guerra mundial, Staline disse ao Trabalhista — enquanto nega a qualidade de democráticos aqueles governos que, como o iugoslavo, o romeno, etc. tem representados vários partidos.

\* — O órgão trabalhista «DAILY HERALD», a propósito do discurso de Churchill, diz: «O sr. Churchill fez uma tentativa postuma para ser o chefe mundial da política. Postuma, porque o sr. Churchill como político — falou e morreu».

MARIA TEREZA TORAL

Conta-se que numa reunião em Burgos, a que assistiam alguns cateóricos e generais, e quando ainda a Espanha era teatro da guerra civil, um dos militares companheiro de Franco, toral gritado: «Abaixo a inteligência!»

Sem precisarmos da confirmação desta eloquente manifestação de reaccionarismo, podemos apreciar, através os dramáticos acontecimentos que estão ocorrendo no país vizinho, como a ditadura sangüinária do Caudillo perseguia os que se não mostram dispostos a pôr o seu labor intelectual no balcão em que os ditadores pagam generosamente o auxílio prestado à degradação moral dum País.

Maria Tereza Toral, professora espanhola de física, uma das mais talentosas mulheres de ciência da Península, está em risco de ser assassinada a ordem do fuzilamento, com a ajuda das hordas de Hitler e Mussolini, assaltou o poder em Espanha.

Maria Tereza Toral, como Isabel Tolodano e tantas outras heroínas da Resistência espanhola, são vítimas de acatizações subversivas. Mas na realidade essas acatizações visam apenas o restabelecimento da Espanha democrática, onde a liberdade e a vida não estejam sujeitas ao sádico capricho dum ditador sangüinario.

O herdarismo «crime» de Maria Tereza Toral é possuir essa inteligência que a coraire reaccionária de Franco tanto odia — porque de ter assassinada a ordem do fuzilamento a inteligência é a luz — e a fauna reaccionária adora a treva.

CELLA II

Ecos da T.S.F.

(De S. B. C. e de R. Moreira)

\* — Diz o «Pronto»: O povo espanhol e do resto dos estados democraticos esperam que os governos democraticos tomem outras medidas mais effectivas contra Franco. Na Conferência de Berlim o Governo soviético fez propostas concretas contra esse governo satânico da imposição ao povo espanhol pela Itália e Alemanha, dum regime fascista. E porque este regime é um perigo para a liberdade do mundo, o Governo da U.R.S.S. propoz a rotura de todas e quaisquer relações com Franco, e que ao povo espanhol fosse proporcionado o meio de se libertar do regime fascista. Os ditadores não obedecem a medidas suavisas.

\* — Na Noruega e na Holanda os trabalhadores dos portos negaram-se a carregar barcos com destino a Espanha.

\* — O membros femininos do Senado norte-americano pediram ao seu Governo que interceda junto de Franco em favor de Maria Tereza Toral, condenada a morte por manter concepções opostas ao fascismo.

\* — Franco, que durante a guerra civil mandou arrazar pela Luftwaf a cidade-martir de Guernica (a Coenryr espanhola) foi agora agraciado pela sua municipalidade com a medalha de ouro da Cidade reconhecida por ter sido mandada reconstruir pelo seu carasco!!!...

Como o solazarismo, também o falangismo ao CRIME chama VIRTUDE....

O recenseamento eleitoral sofreu toda a sorte de obstrução da parte dos fascistas salazarentos encarregados da recepção das inscrições.

Se esses bandidos pensam repetir aqui a manobra eleitoral de Peron, na Argentina, enganem-se!...

Aos nossos amigos

Qualquer donativo para «Voz do Povo» devem ser acompanhados por vouchonimo, de modo a pudermos ser publicadas e identificadas todas as verbas recebidas.

Excepçum-se, é claro, as importações da vanda do jornal, que não serão mencionadas.

(A referência o faz ao número de junho e não à dose)

25 Jhon	10000	25 O. C.	20000
Um Democrata	100000	Al.	200000
Zukov	10000	Vice Hugo	200000
Zito	20000	Ado	100000

Ocultar este anúncio após o fechamento do jornal para não ser publicado em outra edição.

## A Organização da Resistência

**Soa a técnica seguida em França para repeli o invasor e castigar os que com ele colaboravam deu bom resultado, porque não o há de dar em Portugal para reduzir a impotência do fascismo?**

★ Encontra-se, de pesagem, em Lisboa um dos organizadores da Resistência em França e elemento multioctivo da luta máquiá. Conversações, formalmente com uma linha de defesa e sempre de alta eficiência, preventivos, compreendidos — a omissão do seu nome. Omitir também as suas opiniões e que não se compreendam.

Suficientemente informado de quanto se passa em Portugal, o nosso entrevistado começou por dizer: — A vossa resistência é o que é — o fascismo de Salazar — não é que pouco activa.

— Compreende-se um esforço, de preservar, não pode auscultar toda a nossa acção clandestina.

Pois tenho-a auscultado. Ganhcho a vossa imprensa clandestina e tenho conversado com muitos elementos da oposição, do melhor da Resistência. Verifico sempre os portugueses capazes de belos actos de coragem, de nobres atitudes de desassombro, como essa da adesão ao Movimento da Unidade Democrática, mas ao que respeita à verdadeira actividade da Resistência, à organização de núcleos com fins determinados, à montagem do aparelho de comunicação, à anti-propaganda — parece-me haver algumas falhas importantes.

— Em sua opinião, que seria preciso fazer para dar maior êxito à Resistência?

— É preciso não esquecer que há a Resistência passiva, em que todos os anti-fascistas devem colaborar, e a acção, dirigida por líderes e esses mesmos seleccionados, os quais se conservam quietos, até o momento decisivo.

— Então os activistas devem conservar-se quietos... — Disse: até o momento decisivo... Constituem o exercito da Resistência e não devem entrar em acção no seu estado normal de mobilização geral. Até lá, convém que passem por indiferentes ou neutros.

Os anti-fascistas mais notórios: antigos chefes políticos, intelectuais, militares ou amigos militares expulsos do exercito pela oposição ao fascismo, não só devem estar quietos como completamente alheios ao movimento clandestino da Resistência. Também não devem somarem parte nela os que foram presos ou por qualquer forma têm lha na vossa Gestapo.

— Quer dizer: os mais ardorosos anti-fascistas devem evitar a aquiescer-se à leitura ou a conversa no café. E quem combater o fascismo?

— A massa da população que está contra ele, mais por motivos de ordem prática e material do que de ordem ideológica. Quero dizer: a maioria, os baixos salários, os abusos do racionamento e, sobretudo, as falcatruas do corporativismo produzem mais adversários do vosso fascismo do que a defesa dos Direitos do Homem e do Cidadão. Sim, os elementos que defendem estes direitos e as reivindicações sociais e a dignidade humana, devem orientar os elementos descontentes e indicar-lhes o caminho para uma profícua Resistência passiva. — Como?

— Em primeiro lugar organizando um bom serviço de propaganda ou antes de anti-propaganda, isto é, de permanente desmentido por que tiver de ser desmentido) ao Secretariado da Informação, que lá por se chamar da Informação, Cultura Popular e Turismo, não

deixa de ser uma sucursal do stêle criada em Berlim pelo Dr. Goebbels. Deven, portanto, os jornalistas da Resistência organizar um Boletim diário de informações exactas, para largar-se a todos os jornais. Cada jornal deve trazer a indicação para aquela que a recebe; fazer tantas cópias e entregar a outras tantas pessoas. — E a scaldar as felicidades...

— E a da Liberdade. Foi assim que nós organizámos o nosso serviço de informação e parece-me que deu algum resultado. Ganhcho o argumento seguinte: não se deve escrever para isso, para o papel, para as máquinas de escrever ou reproduzir, para os selos. Pois não é preciso nada disso. Basta em bocadinho de boa-vontade. Imagine que recebe um desses boletins. Se tem uma máquina de escrever, pode fazer, facilmente, 5 ou 10 cópias. Se não tem, pode fazer 2, a 4 copias manuscritas e mandá-las a outras tantas pessoas. Recorra que descubra a letra "M" — Mande-as para Vienna do Castelo ou Faro. Não as mande a conhecidos. Vá à Lista dos Telefones, ao Anuário Commercial. Em último caso nem procure nomes e mande-as ao presidente da Câmara de Comércio e Indústria, ou ao chefe do estado de cada cidade, ao comandante do regimento ou ao secretário de finanças...

— A nossa propaganda deve estar ser dirigida aos srs. abades, aos comandantes das unidades, aos administradores de concelhos...

— A essa também — são lá portugueses curvos e curvados a pedir esmola nos jardins, ludibriados nos seus boteis. Evidentemente, se indiquei esses cargos foi pensando nos mandrinhos que não queiram dar-se ao trabalho, de ir escolher nome ao acaso — médicos, advogados, professores, etc. Não são os militantes anti-fascistas que precisam de ser informados das facilidades da propaganda oficial — são os outros. O mesmo se deverá fazer para a difusão da imprensa clandestina, traduções de artigos de jornais estrangeiros que deem a verdade acerca do fascismo português, etc. Os sobrescritos para essa correspondência devem ser de repartições públicas ou casas comerciais, devendo os funcionários ou empregados dessas casas permiti-lhes entrar lá, para não exporem as comunicações clandestinas, escritas com a sua letra ou a sua máquina em sobrescritos dos serviços onde trabalham.

O nosso entrevistado ainda emitiu outras opiniões que se vos afiguram uteis para a organização da Resistência.

### REPORTE 2

N. da R. — Claro que não estamos totalmente de acordo com alguns pontos do nosso entrevistado. Enquanto nos diz que os anti-fascistas mais notórios e os já fiados no Gestapo de Salazar, devem ficar completamente alheios ao Movimento da Resistência, acrescenta: «... que fundem essas direções (do Homem e do Cidadão) devem orientar os elementos descontentes e indicar-lhes o caminho para uma profícua resistência passiva». Ora esses elementos descontentes necessitam, pois, da colaboração dos anti-fascistas notórios e mais ou menos já fiados. O resultado é, portanto, naturalmente, uma mais prazente acção de sua parte. E assim, a nosso ver, fica certo.

## PORTUGAL NO BRASIL

(Continuação de 4ª página)

lino de Figueiredo e Jéme Cortezio, por exemplo, para citar apenas dois. Vimos que, depois da vitória, o sr. Oliveira Salazar festejou as missas no Colégio da Imília, freguesia de Lourenço Marques e a cidade de Lisboa para uma parada triunfal, que não era uma parada em honra do fascio, não estraitado em Portugal, mas da democracia para a qual já nos encaminhávamos. Mas, se assim procedia, no momento em que o fixo havia entrado em colapso, o sr. Oliveira Salazar, sabidamente, o homem cheio de simpatias por Mussolini e por Hitler, o grande Brasseur de volúntade aos alemães, e aguilhão dos nazistas, o compressor da imprensa de tendência aliadista. Gozando imensamente dos portugueses, dos seus actuais que aqui sempre encorajaram favoravelmente, desde o chamado Chaby-Pineiro a maravilhosos a drama que é Amélia Rey Colaço, desde a talentosa atriz dramática Maria Sampaio à dinâmica e imitável Beatrix Costa, dos seus escritores que, como Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Fialho de Almeida e António Noro, as suas nos impressionam e influenciam mais do que os seus, desde práticos a conjugalmente-portuguesa dada ainda hoje ao progresso do Brasil) através de uma imigração que devíamos estimular por todos os meios e modos e que o sr. Oliveira Salazar quer desviar para os degredados de África, na história de um dos grandes impérios, não guardo isso a verdade, mas os factos são evidentemente o sistema de governo de Portugal e as figuras que o enlaçam, os Carmo, os Oliveira Salazar, os Carneiro Pacheco, etc.

Isso serve para explicar o relativo desinteresse do público brasileiro para com a Exposição das Artes Portuguezas, ora aberta à curiosidade geral do pavimento terreo do Ministério da Educação e do Desporto, onde há meses funcionava a Exposição de Artes Francesas. E que, tendo sido a Exposição de Artes Francesas um certame oficial, ditamente organizado pelo governo do general Charles de Gaulle e apresentado ao nosso público pelo embaixador, D'Assier de la Vigerie, vuzos inda vuzos. Não se faz a Exposição das Artes Portuguezas, não é coisa oficial, — e tanto bastaria para ser ignorada, em fimção daquela bem fundada anticipação que voltamos ao Estado Feroz Lusitano. Entretanto, esta Exposição nada tem de oficial, nem é tampouco empenhada com um reclamo do regime salazarista. Ali não se encontra ainda alguma que ferde e propõe de glorificar os demónios de Portugal.

Nem mesmo o retrato de Salazar ou de Carmona, que é o seu testa-de-ferro, figuram na Exposição. Esta, e na verdade, uma amostra do que tem feito Portugalizado que tem realizado o reaz por português, a despeito de Salazar e do seu regime, e isto, talvez, é do heróico de um povo, que tem uma história como poucas grandes nações a têm e que conserva intacta a fé nos seus destinos e a esperança de redenção. Em Portugal os homens não votam — pagam impostos. Não escolhem os seus governantes — submettem-se a eles. Mas, apesar de isto, traballam e são as excelências do seu traballado, em que se vingam dos seus fados políticos, estão lá maravilhosamente demonstradas.

E por ser uma iniciativa particular, nem quis o governo português patrociná-la. E é isso o que salva a Exposição das Artes Portuguezas.

# ★ VOZ do POVO

(Cronica e Factual — Fala Democrática)

(Officina do Trabalho e da República — organização de defesa e propaganda — Alameda, 104, Lisboa, Portugal, Tel. 11444) — Associação de Defesa do Trabalho e da República — com as Escolas, Escolas e Escolas (1946) — 2.ª edição, Lisboa, Portugal, 1946.

## Portugal não enriqueceu com a guerra

Sabado, 27 de fevereiro de 1946.

«O Sol» não se dá por vencido e triunfante, em virtude da droga mágica de censura que procurava a tudo o custo esculpir-lo.

Atualmente, apesar do encoberto, bastou a fugaz incidência das tensões sobre o pântano lusoalemão em que a fúria fascista de Salazar transbordou o país, para se apesceirer rapidamente e mesmo de másmas que voltavam em torno de todo aquele local.

São essas másmas que fomos procurar captar e expor, sem a mais ligeira camuflagem, para que possam ser devidamente apreciados em toda a sua creança.

Em primeiro lugar, nada a verdade que se afirma que se Portugal não se queixou com a guerra, não foi porque lhe faltasse oportunidade para o poder conseguir — como tão claramente e demostro-o «O Sol» — mas sim, e unicamente, porque teve de pagar generosamente a sua neutralidade, à ambos os contendores, fazendo uma sociedade com eles, neste grande negócio que foi a guerra, onde, como sempre, «vira humana nada controla».

A prova-de, esta o facto de ter sido tão grande a abundância em Portugal durante a guerra, que, diariamente, atravessavam as fronteiras do país bichas intermináveis de vagões carregados com toda a qualidade de renovos com destino à Alemanha, Itália e França, com o seloberrimo distincto «Sociedade de Portugal».

Como jámos dizendo, a sociedade realizada entre Portugal e os beligerantes, não podia deixar de ser ruinosa para nós, pelas razões seguintes:

1.º — Porque os sócios, Alemanha e Itália, estavam falidos; portanto, o único capital em giro eram os milhões de escudos arrastados à economia do país, que caucionavam o fundo de clearing luso-alemão e luso-italiano — cujo montante o Governo teve sempre especialmente cuidado em não divulgar — que com a derrota de Lixo se submergiu, e tendo agora de ser cobertos por um aumento de circulação fiduciária.

2.º — Porque o sócio Inglaterra, aproveitando-se gerente da sociedade, tratou logo de conduzir e orientar os negócios da mesma, em lo em vista não os seus interesses; particular do que se dá evidencia, não vacillando a não em sacrificar o seu sócio Portugal, que é a animal e único que tinha a ver com tal sociedade.

## 18 de Março de 1871

★ Eis uma data que vale um poema.  
Não um poema em verso pulido, vangloriando mesquinamente os feitos de um herói, e valor de um século, ou mesmo a história de uma nacionalidade inteira; mas um poema lúcido, expresso em caracteres de fogo escarlate, cantando pelas secules fora, em gritos tonitruais de entusiasmo e desuspa a aspiração insofrita e atalçada da justiça humana.

«A adeantada civilização em que actualmente vivemos, ha-de ser, volvidas algumas dezenas de anos, um objecto de profunda ir-

Desda forma, tratou de inventar os *Lendiceres* e *Novicetes*, espécie dos seus, não só passou a controlar toda a nossa importação e exportação, como aliada a (semelhante) embarques unicamente dos produtos que entendia, sem a menor consideração pelos nossos produtos coloniais, que só poderiam ser expedidos com autorização sua?»

Para se avaliar bem quanto foi prejudicial para a Inglaterra o fabrico passado das *Novicetes*, bastaria dizer-se que, passado 15 quasi um ano que a guerra terminou na Europa, os tais *Novicetes* continuavam ainda a vigorar, sem nada que os justificasse.

E que... para que sejam concedidos os tais papellhos a estes «*Novicetes*» — necessita o exportador de fabricar previamente o nome do vendedor e do comprador da mercadoria a exportar... desta forma, lá estão os agentes comerciais britânicos por trás da cortina para fazer os tais negócios...

ção e fértima. As injustiças em que hoje nos revolvemos, os vícios que alimentamos, a podridão que absorvemos, como se fora em tector deitricio, ha-de surgir no futuro em nada a sua bedondez, a atenuar as gerações de então a miséria da nossa vi existência, e a justificarem do modo mais eloquente e sempenhoso esse grande, glorioso e mortal monarca da Comuna de Paris.

Perante este acervo de anomalias e de crimes monstruosos, levantou-se ferozmente, em nosso tempo, um protesto que, embora atogado em sangue, ha-de repercutir-se, através das décadas futuras, numa vengança sempre crescente até à sua adopção definitiva. Esse protesto foi o de Paris, em 18 de março de 1871.

Fora de Paris, no cidadão de Versailles, importavam-se as classes dirigentes do império, que tinham conchubio a França a burguesia ignominiosa. Rodava-se um satânico esbardo, venciendo vengosamente pelas armas gussianas. Não era preciso mais nada.

Theses, que não tinha podido impedir a desgraça da patria, revestiu-se de coragem para trucidar impiedosamente os que em nada haviam concorrido para ela.

Estava extinta a ideia da renovação social? Estava abunda, para sempre, a bandeira da igualdade económica?

Que resposta a acção socialista actualmente dominante em França, e em todos os países do mundo.

Que o diga todo o homem que se preze dum consciência gera, flama intelligencia lúcido, ou dum coração sensato.

1903

JOÃO RICARDO

\*\*\*\*\*

Quereis ajudar Salazar na sua política de tração e miséria? — Mantende-vos divididos em tantos grupelhos ideológicos quantos vos forem possiveis!...

## PARA QUÊ?

(Continuação de 1.ª página)

«Será que na sua politica imperialista nos reservam o mesmo papel que, após a guerra reservaram aos belgas, aos gregos e aos italianos quando eles reclamavam um pouco de liberdade?»

\*\*\*\*\*

200

## AD MAJOREM DEI GLORIAM...

### Cristino Garcia

### Manuel Rodriguez

(Continuação de página 1)

Espanha jária sob a bota de Franco, o traído da Petita e unção dos bandidos Hitler, Mussolini e Salazar.

Cruxes de novo a fronteira e foi combater o Gaudílio dos gangsters.

Qual o nome do que-ria: um heroi na vida, um marit no suplicio e um simbolo que para além da morte fêra a iluminar o caminho da libertação anti-fascista.

Como disse um comentador da R. B. C., **Cristino Garcia**, que era na pouco um desconhecido, e hoje conhecido e tem a sua memoria venerada por milhões em todo o mundo. «Morreu o homem — mas o ideal ha-de vencer».

\*\*\*\*\*

## PORTUGAL no BRASIL

De «A NOITE», do Rio de Janeiro. (16 de Janeiro de 1946)

### A EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA NÃO É SALAZARISTA...

R. Magalhães Junior

No Brasil, não há simpatias pelo senhor Oliveira Salazar. O «primeiro português que o Aporeli bilhou durante alguns anos, como correspondente extraordinario d'«A Manhã» na espinha da Europa, apparece-nos como um fido e duro diluido, um fesso collector de impostos, um tiranico despotico que conta todos os nomes, antes de dormir, os escudos do tesouro politico, e não permite que as opiniões tenham candidato quando, indolentemente, resolve realizar eleições, não permite que a imprensa diga tido nem quarte a respeito de sua sacrosanctissima pessoa. Além disso, habituou-se a ver Salazar como a mistico de homens simpáticos e calmas, que estão vivendo no Brasil num exilio que só não é duro porque sabem que os envolve a nossa estima e a nossa solidariedade: homens como Fide-

(Continua na página 3)